

## POEMAS

*de Philippe Wollney*

## segunda chã

*“mas ando mesmo descontente, desesperadamente eu grito em português”  
Belchior*

depois do luxo o lixo : que se torna léxico que antes é fluxo : agora é nexa entre o texto & o projétil : broxa no papel como revólver queimando o disparo : & de novo quebrando coco : & de novo um poema reescrito com a carniceria da cidade velha cocoricando com a chegada da nova fábrica : já ferro velho : um prometeu aleijado de fibra de carbono : promessas de um mundo novo com os latifundiários da opressão : sobre a terra o teto o trabalho o homem & o pão : & os poetas escorregam sobre o óleo : regam flores sobre o gasoduto : plantam bredos nas margens de toda a BR 101 & buscam uma ética para atravessar o inferno

## caosnavial i :

*mascavo*

*“Ritmos de angústia e de protesto / estão ferindo os meus ouvidos!” Solano  
Trindade*

cana

caiana

caiada

de *sangue*

nestes canaviais

seis milhões de negros

foram sorvidos

é impossível

esse café

não descer hh

amargo

**caosnavial ii :**  
**habitantes do porto**

*“Essa dor que eu falo / não fala / foi calada a fio de espada” Cuti*

sob essas águas há segredos terríveis  
os que sabiam nadar afundam  
chassis : bicicletas : revólveres : sofás  
crianças : drogados : polícias : prostitutas  
afundam

intocável leito morto  
fragmentos de porcelana no peito de belzebu subaquático  
satã usa gravata : maquinarias o canonizam como santo do açúcar

espanhóis : portugueses : holandeses : franceses : ingleses  
bantos : congos : nagôs : cabindas : yorubás  
tapuias : tabajara : kaeté : potiguara : tupinambá  
esses são os atores de minha epopeia dos martírios

sonhos & suspiros de sangue e chantili  
minha lira infecunda porém açucarada  
não duvidem de meu açúcar  
não duvidem do meu açúcar  
quanto mais cavo mais fundo me acho

em meio a lama : canas : senzalas : engenhos fantasmas  
igrejas : bares : bingos : supermercados : agências de trabalho  
me empresta uma arma : uma buceta ou um baseado  
para aliviar a minha dor!  
para que eu possa sanar a minha dívida!  
para eu aliviar a minha dor!

**caosnavial iii :**  
**nove dígitos**

*“o neoextrativismo trata-se de uma aposta nos hidrocarbonetos, na mineração e no alargamento dos latifúndios” Ieda Estergilda de Abreu*

sou um canavial inteiro de tragédias  
quantos algarismos possuem a cota de homicidas  
& suicidas em potencial?  
minha neurose : uma forte pulsão do não-lembrar!

quem pode resistir a este saara de sacarose?

tuaregues caboclos buscam o oásis nos bares  
miragens de alvas famílias felizes aos domingos  
nômades catadores de lixo eletrônico um misto  
de cadáveres & caldeiras  
& painéis de controle

traços do tronco tupi : paralíticos ancestrais  
faquires pós-modernos invadem as ruas apanham da polícia  
& em protesto praticam seppuku em frente a uma delegacia  
velhos põem fogo nos próprios corpos na dignidade  
dos que sobrevivem sem alopáticos  
guilhotinas funcionam todos os domingos em altares foliados a ouro  
&

contas bancárias de nove dígitos brindam  
por mais uma família que se joga em alta maré  
pelo barro manchado da chacina de ontem  
pela morte lenta de mendigos  
pelo estupro na casa de repouso feminino  
pelo poeta que arrancou os olhos  
& pelo novo empréstimo ao banco falido

## há uma criança sem os olhos parada na esquina

*“não diga que estamos morrendo / hoje não / pois tenho essa chaga comendo a razão” (Rodrigo Campos)*

há uma criança sem os olhos parada na esquina  
e o abismo na sua face é indiferente  
aos incêndios nas pontas dos cigarros  
as nuvens sifilíticas e as febres nos lixões  
a ardência de um corpo tenso pelo beijo  
de um anjo que logo se esvai  
a hemorragia das usinas em fuligens e fornicamentos  
as explosões domesticadas nos motores automotivos

há uma criança sem os olhos parada na esquina  
e os rombos de seu não-olhar são apáticos  
ao hálito de etanol da grande boca que devora uma boca maior  
a nauseabunda atmosfera da safra  
a falta de sentido do viver sobre o asfalto  
o cheiro dos solventes a solucionar as dores no estômago  
os dedos trêmulos a inaugurar o gatilho  
a notícia do esquartejado  
e a sopa sem ossos a ser distribuída na madrugada

há uma criança sem os olhos parada na esquina  
e suas duas poças de lama observam  
o uniforme cinza do fardamento policial

o excesso de sorrisos nas propagandas imobiliárias  
a marola de fritura dos pregadores  
a benção que agride na hora do almoço  
o latido da fome no quintal do vizinho  
e a injustiça nas fardas alvas das crianças

há uma criança sem os olhos parada na esquina  
e suas nuvens negras mergulhadas nos pântanos  
trazem das suas lembranças, cadáveres e rosários  
de cada irmão descartado como se cata feijão  
o seu pirão de peles e nomes encharcados  
a sua alergia em cada acordar  
suas brotoejas que borbulham e semeiam  
seu nome no ar da cidade

há uma criança sem os olhos parada na esquina  
o seu choro de querosene ascende labirintos  
escorre no corpo inteiro a intenção de ontem  
foge todas as noites - mas a miséria é o pai dos cães-do-mato  
e não se sabe por qual motivo se brota luz  
dos mais terríveis calabouços  
nos mais horríveis dentes caninos  
as mais cruéis condições de sorrir

há uma criança sem os olhos parada na esquina  
e ela me revelou o seu segredo –  
na sujeira de seus dedos nascem as estrelas.

**juro que é o último sopro sobre os nós**

*“As paredes do meu tempo são fatais”  
(Júlio Holanda)*

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque um dia as coisas acabam  
e por sorte, recomeçamos

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque a cada dois dias, homens morrem  
no deserto de Catar, pela copa de 2022

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque há um grupo chamado Boko Haram  
que já assassinou mais de 2 mil pessoas na Nigéria

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque depois de tentar assassinar Malala Yousafzai  
o TTP massacrou 100 crianças em Peshawar

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque quero escrever sobre o mundo  
antes que venha o ebola e me sucumba

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque há veneno sobre a mesa  
e declarei guerra contra o agronegócio

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque uma mulher morre por semana  
vítima de violência doméstica neste país

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque na construção da hidrelétrica de Belo Monte,  
há exploração sexual de menores indígenas

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque ainda neste país possuímos  
200 mil camponeses sem ter terra para cultivar

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque sabemos que a Polícia Militar matou  
o pedreiro Amarildo – e seu corpo ainda não apareceu

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque lá fora tem um monte de gente  
pedindo a volta dos milicos ao poder

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque lá fora tem um monte de gente, com cartazes  
pedindo a volta dos milicos – você entende?

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque desde junho de 2013 há jovens encarcerados  
por receber gás lacrimogênio na cara

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque desde 2013 se voltou a prática  
de se fazer presos políticos

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque os preços das passagens subiram  
e pedras devem elevar-se sobre as cabeças

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque novamente tentaram violar um templo  
de matriz africana – o mito da democracia dócil

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque ainda ontem morreu mais um jovem  
assassinado com requintes de sadismo, por ser gay

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque a “carne mais barata no mercado  
é a carne negra” – como grita a minha diva

juro que é o último sopro sobre os nós,  
porque o meu coração é o mundo  
porque o meu coração é um mundo.

---

**Philippe Wollney** (PE). É um poeta contemporâneo brasileiro, nascido na cidade de Goiana, Pernambuco, em 1987. Tem poemas publicados em antologias como Antologia Poética Goiana Revisitada (Silêncio Interrompido, 2012) e Cem Poetas Sem Livros (2009), assim como na revista Musa Rara.



[www.revistablecaute.com](http://www.revistablecaute.com) *Novo!*  
[www.facebook.com/revistaBlecaute](https://www.facebook.com/revistaBlecaute)  
[revistablecaute@gmail.com](mailto:revistablecaute@gmail.com)  
[@revistablecaute](https://www.instagram.com/revistablecaute)